



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

## CARTOGRAFIAS LÚDICAS DO AFOXÉ POMBA DE MALÊ

EDUARDO OLIVEIRA MIRANDA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe analisar os elementos lúdicos traçados pelos corposterritórios do Afoxé Pomba de Malê, com ênfase nos desfiles durante as Micaretas de Feira de Santana, Bahia. Nesse cenário, recorreu-se as categorias Desenho, Território e Corpo-Território. Tecer a trajetória histórica do Afoxé Pomba de Malê implicou analisar a constituição do bairro da Rua Nova, localidade inicialmente ocupada pelas populações negras oriundas do Recôncavo Baiano, sob a permissão de Dona Pomba, a qual detinha a posse das terras. A participação das populações negras nesse espaço oportunizou a ritualização do Legado Africano, identificado durante essa pesquisa como um dos fatores responsáveis pela fundação do Afoxé em voga. Destarte, entendo esse ponto de partida como relevante na tessitura provocativa, bem como colaborativa para a Geografia Cultural. Ademais, a ancestralidade africana trouxe contribuições valiosas no que tange a percepção das potências dinamizadoras das energias imateriais, as quais, em diversos momentos, foram verificadas nos espaços pesquisados.

**Palavras-chave:** Território. Corpo-Território. Legado Africano. Culturas Negras.

### 1. CAMINHOS INICIAIS

*“A Rua Nova tem energia / Atabaques e agogôs”*<sup>2</sup>. Essa estrofe entoada na canção *Pratas do Pomba* dispõe de uma sinergia evocadora de lembranças indispensáveis na construção das minhas memórias. Nesse tear, as lembranças reavivam momentos exploratórios vivenciados na busca pela compreensão de como se deu a história do bairro e, por conseguinte o contexto histórico e social que oportunizou a criação da Associação Cultural Movimento Negro Afoxé Pomba de Malê.

Portanto, recordo-me, que no primeiro dia de trabalho em campo, ao chegar a uma das vias de acesso à Rua Nova ouvi sons de instrumentos percussivos que sobressaiam ao barulho dos carros e demais ruídos do trânsito. Para Yi-Fu Tuan (2012, p. 25), a “música é uma experiência emocional mais forte do que olhar quadros ou cenários”, talvez isso explique o motivo pelo qual minimizei os efeitos visuais e demais ruídos e comecei a me questionar de onde estaria vindo aquele som com

---

<sup>1</sup> Geógrafo. Professor da Faculdade de Educação UFBA. [eduardomiranda48@gmail.com](mailto:eduardomiranda48@gmail.com)

<sup>2</sup> Estrofe extraída da canção “As Pratas do Pomba”.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

tamanha energia. Logo em seguida, cheguei a Praça Ernestina Carneiro e lá estava um grupo reunido em círculo, com aproximadamente 30 homens e crianças, tendo como elo os instrumentos de percussão.

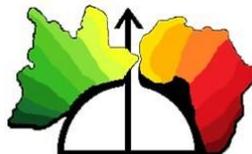
Naquele exato momento, grafei no meu imaginário que esta pesquisa envolve questões que ultrapassam o visível, o mensurável, o tangível, pois “o desenho, em seu sentido mais amplo, é ação criadora que abrange a atividade mental (...), o pensar é também o desenho” (HSUAN-AN, 1997, p. 23-24). Ou seja, entender a configuração espacial relatada acima atem uma perspectiva dinamizadora dos sons, cheiros e formas, compondo a paisagem na dimensão simbólica. No desenrolar da pesquisa de campo fomos bombardeados com diversos feixes perceptivos ocasionados tanto pelo plano do visível, quanto o invisível, já que sociabilizar pelas ruas da Rua Nova significa aguçar os mais diversos sentidos, indicados por Yi-Fu Tuan na obra *Topofilia* (2012), perpassando pelo *olfato*, *audição*, *tato*, sem esquecer a *visão*, plasmando um misto de percepções que com base em Merleau-Ponty (1999, p. 63), é “perceber no sentido pleno da palavra, que se opõe a imaginar, não é julgar, é apreender um sentido imanente ao sensível antes de qualquer juízo”. Vivenciar esse lugar é perceber a construção individual e coletiva dos indivíduos responsáveis por dá vida e sentido a territorialidade do bairro.

Em consonância com o mosaico perceptivo, identificamos que o referido bairro, Rua Nova, tem a sua origem nas terras de uma fazenda, cuja proprietária se chamava Ernestina Carneiro Ferreira da Silva, apelidada carinhosamente de Dona Pomba. A expressão “Rua Nova”, de acordo com as entrevistas realizadas com diversos moradores, surgiu da seguinte forma: *“Isso aqui era tudo dela. Essa parte aqui toda. Ela permitiu a abertura de um caminho dentro das suas terras por onde passavam o gado, o pessoal que seguia pra feira. O bairro foi começando assim”*<sup>2</sup>.

Após mais de um século do fim da escravidão, Feira de Santana ainda mantinha estrutura agrária com dimensões coloniais e a explosão demográfica colocou em

---

<sup>2</sup> Não consegui autorização para divulgar o seu nome.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

alerta os detentores das grandes propriedades. Com a perspectiva de suprir o déficit habitacional a fazenda começou a ser loteada sob a permissão de Ernestina Carneiro. Como relata o professor Manoel Aquino<sup>3</sup>, ratifica:

Considero que quem fez a 1º reforma agrária urbana em Feira de Santana foi D. Pomba, Ernestina Carneiro que é o nome dessa escola. Porque tem a até a música de Jorge “Pode Morar”, ela era dona de todas as terras da fazenda e as pessoas iam chegando e ela ia doando as terras. Ela nunca cobrou pelas terras, agora os familiares que depois começaram a cobrar. É tanto que até hoje esse bairro aqui ninguém tem escritura. A minha mãe mesmo tem quase 40 anos que mora aqui e não tem escritura.

As potencialidades orais expostas acima demonstram que as terras foram habitadas sob a anuência da proprietária em benefício das centenas de famílias recém chegadas a Feira de Santana. As famílias foram favorecidas em diversos aspectos, principalmente em relação à localização, visto que as terras da fazenda ficavam situadas próximas ao centro comercial do município, o que possibilitava melhor acesso às vagas de trabalho disponível no comércio, assim como nas casas da elite aristocrática, que até então habitavam as avenidas do centro urbano local, atual centro comercial.

Entendemos que a ancestralidade africana não remete apenas as questões de religião, porém não podemos negligenciar a informação de que nessa localidade havia vários terreiros de Candomblé que desempenhavam acentuadas influências no cotidiano de muitos moradores. Em termos gerais, pode-se afirmar que esse território representava um embate aos ideais impostos pelas elites feirenses, as quais vislumbravam a construção de uma arquitetura urbana que assemelhasse aos padrões oriundos de localidades tidas como modelo de desenvolvimento socioeconômico. No entanto, a comunidade da Rua Nova representava o oposto do que se almejava para Feira de Santana, com ruas sem pavimentação, população majoritariamente formada por negros, casas com estruturas precárias, presença de

---

<sup>3</sup> Sujeito entrevistado, ex-morador da Rua Nova.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

terreiros de Candomblé, dentre tantos outros aspectos considerados inferiores aos olhos dos feirenses com mentalidade eurocêntrica.

Nesse mesmo cenário, ganhou força as manifestações lúdicas dos povos afrobrasileiros, dentre eles, os Afoxés. Portanto, nos próximos passos deste artigo iremos abordar uma parte teórica acerca da origem e continuidade dos afoxés. Em seguida, partiremos para a cartografia histórica do Pomba de Malê.

## 2. AFOXÉS: LEGADO AFRICANO

Alguns teóricos brasileiros dentre eles Raphael Rodrigues Vieira Filho (1997), Edison Carneira (1974), Alceu Maynard Araújo (1967), Antônio Risério (1981), Goli Guerreiro (2000) e Bartolomeu Mendes (2004) nos ajudam a tecer um panorama histórico acerca dessa manifestação afro-brasileira e ao mesmo tempo inviabiliza determinar um ponto de partida comum para a genealogia dos Afoxés que a depender do pesquisador teve a sua base estruturante na Bahia ou Recife, apesar de existir um quase consenso de que a origem se deu em terras baianas sob as influências culturais dos mais variados povos africanos trazidos para esse território.

No que tange as influências africanas tem-se a festa pública dedica a Oxum, o Domurixá (Festa a Rainha), realizada na cidade de Lagos, Nigéria, com aspectos de grandes carnavais e semelhanças com os afoxés que desfilavam no carnaval de Salvador no século XIX. Outra alusão à divindade Oxum está respaldada no reino de Oloxum, localidade consagrada à entidade detentora das riquezas e do ouro, situado na terra de Gexá, Ijexá ou Ilesa, onde apenas mulheres saíam às ruas, antes percorriam os palácios e as praças com um instrumento denominado *llu* amarrado no pescoço e manipulados com as mãos (LODY, 1975).

Sendo Oxum a detentora de uma riqueza ímpar dentre os Orixás do sexo feminino, a sua vaidade propicia o encantamento e fortalece o poder de persuasão. Para a professora Marise de Santana, Oxum “é a energia contida na água. Esta energia está



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

relacionada ao sangue menstrual, à manutenção dos embriões, fetos e crianças durante a gravidez, uma vez que, esses fenômenos são dependentes diretos de líquidos” (SANTANA, 2004, p. 34). As influências das festas oriundas da África constituem uma das formas do Legado Africano encontrado no Brasil.

No glossário do livro “Afoxé” encontramos que no loruba a palavra significa *divinação*, e em outros contextos aparecem como: *qualidade de folha, pomba, feitiço, instrumento musical, cortejo de carnaval ou pândega de carnaval*. Já a obra “Carnaval ijexá; notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afro-baiano” explica que a palavra afoxé significa *enunciação que faz (alguma coisa) acontecer, a fala que faz, encantamento, palavra eficaz, operante*.

O fator que congrega os mais variados arcabouços teóricos está pautado no sagrado, ou seja, todos os autores consultados afirmam que a devoção aos deuses do Panteão Africano é a mola mestra arquetípica de todos os Afoxés. Inicialmente obedeciam a uma estrutura com músicas em línguas africanas com predominância do loruba, danças que remetem aos movimentos da incorporação dos Orixás, relação direta com terreiros de Candomblés e as obrigações direcionadas ao deus dos movimentos Exu, visão elucidada por Araújo (1967). No ponto de vista esboçado, os Afoxés tinham a preocupação de não se associar a amálgama profano típica dos carnavais por onde eles desfilavam, por isso era proibido à interação com blocos de samba-de-roda, capoeira, dentre outros que não realizassem rituais simbólicos aos Orixás.

O elemento religioso se torna uma condição basilar para se configurar um Afoxé já que “todos eles fazem obrigações religiosas (de propiciação) antes de sair à rua e, em desfile, cantam hinos (cantigas) de exaltação às divindades do candomblé (...), sem os induzir a descer na cabeça de alguém” (CARNEIRO, 1974, p. 124). Esse processo denominado por Carneiro como indução se configura enquanto a corporificação dos Orixás, os quais devem ser evitados em ambientes com alto contingente de pessoas, por exemplo, uma festa pública do porte de um carnaval.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

As ideias apresentadas até então, estão fundamentadas em estudiosos que trouxeram em suas obras olhares variados acerca de Afoxés, sobretudo com ênfase nos primeiros cordões que desfilaram nos anos finais do século XIX. Nesse período as entidades dispunham de estruturas organizacionais bem parecidas com a presença de arautos, guarda branca, rei e rainha, babá l'ótin, papai cachaça em nagô, um boneco levado por um adolescente, estandarte, guarda de honra, charanga de ilus (atabaques), agogôs e cabaças. Aos lados do cortejo desfilavam as mulheres (CARNEIRO, 1974).

Com o passar das décadas as modificações foram ocorrendo, as alas já não apresentavam as mesmas estruturas, alguns elementos foram sendo esquecidos e/ou ressignificados. Goli Guerreiro (2000) elucida uma visão de Afoxé que não contempla o real dos mais variados grupos ainda existentes, pois o seu trato com a temática reportase ao passado da capital baiana como *locus* de estudo. Em seu texto, a pesquisadora aponta que quase todos os membros são adeptos do Candomblé. Já no nosso objeto de estudo encontramos uma realidade diferente, onde os membros do Pomba de Malê em sua maioria não assumem ou não possuem inserção religiosa no Candomblé. Continuando, os músicos, assim como Guerreiro encontrou, em sua maioria são alabês, mas, o seu presidente não é babalorixá, ressaltando que no desfile de 2012 o presidente se declarava evangélico. Outros elementos diretamente associados ao Candomblé são as danças, os instrumentos e o ritual denominado de Padê.

Em relação a esse ritual, um dos fundadores do Afoxé Pomba de Malê, Nunes Natureza, afirma que desde o primeiro ano de desfile os membros da entidade realizaram a oferenda a Exu, denominada de Padê<sup>4</sup>:

*Tinha o pessoal que era do que sempre dava uma força na questão da saída, fazia o Padê de Exu que era para abrir os caminhos que normalmente acontecia nas saídas, pra entrar na avenida. Desde a primeira saída que já tinha o ritual. Boa parte das*

---

<sup>4</sup> De acordo com Roger Bastide (2001) é o rito propiciatório que abre o ritual do Candomblé.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

*peças que participavam do Afoxé eram da religiosidade do Candomblé. Alguns viraram evangélicos.*

Mesmo não tendo origem em um terreiro de Candomblé, como a maioria dos Afoxés da Bahia, o Pomba de Malê entendia que a oferenda a Exu deveria ser realizada como forma de agradá-lo e pedir proteção nas ruas da Micareta feirense. Doravante, diversos membros se afastaram das atividades do Afoxé e em muitos casos abandonaram o culto aos deuses do panteão africano, assumindo outras identidades, dentre elas a cristã evangélica. As igrejas evangélicas com a sua ideologia arrebatadora conseguiram grande êxito nos bairros pobres de diversas cidades brasileiras. A ascensão social propagada nos templos cristãos angariou uma legião de fiéis, os quais abandonaram antigas crenças. Apesar das transformações ocorridas nessas décadas, o Pomba continuou a oferecer a Exu o seu tradicional Padé:

*Teve o trio elétrico maior que levou a banda e o pessoal. Levou as coisas da Cigana. Não me disseram o nome da Cigana, apenas que eram coisas dela. E o carro que vinha trazendo a Rainha, vinha trazendo alguma coisa pra Exu, que eu também não sei...tinham as oferendas de Exu: as cachaças. Agora não sei quem eram as entidades.<sup>5</sup>*

Diante desse relato, constatamos que o indivíduo sabe da existência do Padé, mas não consegue expor as minúcias do que foi feito, isto por que o responsável por realizar a oferenda não teve a autorização do seu Pai de Santo para revelar o que estava sendo realizado, nem mesmo a diretoria do bloco teve acesso ao procedimento. Sabe-se apenas que o trabalho realizado tinha o objetivo de agradar Exu e solicitar ao mesmo, proteção, abertura dos caminhos e paz no curso momesco. Inscrito na complexidade mitológica, os Afoxés, independente da sua origem, permitem ser concebidos como espaços de ritualização do Axé, território de afirmação étnica, lugar da ancestralidade africana, que associados asseguram a força vital responsável por ligar o homem e a mulher ao mundo sobrenatural e dessa forma estabelecer o universo sagrado que fundamenta as encruzilhadas dos mundos

---

<sup>5</sup> Relato de Manoel Aquino.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

natural, social e sobrenatural. E ainda completamos, apontando que os Afoxés é um lugar de lutas, vitórias e derrotas em prol da cidadania plena das populações negras.

### 3. CARTOGRAFIA TERRITORIAL

Compor o cenário da **Cartografia Territorial** abre a possibilidade para compreender de onde partiram as influências sócio-políticas que ajudam a grafar a identidade do Afoxé Pomba de Malê.

Ao investigar quais grupos poderiam ter referenciado as ações iniciais descobrimos que o Bloco Afro Ilê Aiyê de longe foi o mais relevante para o grupo de amigos responsáveis por fundar um movimento social que abarcasse as problemáticas sócio-raciais enfrentadas pelas populações negras da Rua Nova. Dessas inquietações surgiu a Associação Cultural Movimento Negro Afoxé Pomba de Malê, fundada no dia 1º de fevereiro de 1985, desfilando na Micareta do ano corrente proporcionando maior visibilidade a sua localidade e expondo o cotidiano discriminatório que permeia as relações interpessoais dos seus moradores.

Sobre a história do Ilê Aiyê, Goli Guerreiro (2000, p. 29), aponta que essa entidade “nasceu e (...) cristalizou a ideia de mostrar o universo negro em sua grandeza e modificar a auto-imagem dos pretos de Salvador”, intensificando-se a necessidade em lutar pela igualdade social a partir da diferença étnica. Discurso também encontrado na narrativa de um dos fundadores do Afoxé Pomba de Malê, o qual afirma a perspectiva:

*Para poder mostrar a filosofia de que negro também tem valor. Tanto que quando fundou o Afoxé Pomba de Malê na Rua Nova foi com esse objetivo, o objetivo de mostrar que nós precisamos ser valorizados. Não sabiam como conduzir a coisa, mas o objetivo mesmo foi esse. Depois é que se foi fazendo um grupo de estudos e criando alternativas pra mostrar.<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup> Manoel Aquino



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

O Ilê Aiyê serviu de inspiração para demais entidades soteropolitanas fundadas a partir da década de 80, tais como Olodum, Muzenza, Malê Debalê, Araketu, dentre tantos outros espaços de valorização e militância das temáticas relacionadas aos povos negros. Se formos nos debruçar acerca dos entrecruzamentos entre o Bloco Afro Ilê Aiyê e o Afoxé Pomba de Malê teremos uma gama de dados para ser analisados, vamos nos deter apenas aqueles selecionados por nós na concepção e projeção da **Cartografia Territorial**.

Em seu primeiro desfile, 1985, o Pomba de Malê saiu às ruas da Micareta, precisamente na Rua Conselheiro Franco, com o tema “Pomba de Malê na Etiópia” em alusão aos problemas de fome enfrentados pelos habitantes do referido país africano. Compreendo que a escolha por temáticas que remetem diretamente ao continente africano tem o intuito de valorizar a identidade étnica, a arkhé africana, sem esquecer a reafirmação dos valores trazidos durante a diáspora pelos homens e mulheres escravizados.

Destarte, a criação do Pomba no ano de 1985 e a temática escolhida, a depender de quem o analise, pode-se apreender apenas a brincadeira, o festejar por festejar.

Todavia, a mensagem política disposta na configuração da entidade encabeça a sua ideologia. A preocupação com as questões socioeconômicas da Etiópia motivou a direção do bloco a compor um enredo com a composição visual alusiva ao país africano, como podemos observar no trecho:

O grupo este ano terá cerca de 200 integrantes e terá como símbolo maior uma figura que representará o povo da Etiópia. Esse tema, segundo Gylsan, em decorrência dos problemas que vem sendo enfrentado pelo povo daquele país, de origem africana. A música de Gylsan diz que “a magia do negro faz brotar / força pra Etiópia vamos conduzir / e na luz divina vamos aclamar”. A música fala de paz e amor e na repartição do pão e na fome, problema maior da população da Etiópia.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> “Pomba-Malê realiza ensaio hoje a noite” In: Feira Hoje. Feira de Santana: Ba. 18/05/1985, p.05.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

A música apresentada no período momesco de 1985 congrega valores de coletividade, posto que convoca os negros do lado de cá, Feira de Santana – Bahia – Brasil, a enviarem *força* a população negra de lá, Etiópia – África. A última estrofe sugere aclamação a uma *luz divina* que no nosso entender se refere às questões espirituais e religiosas, ou seja, solicitar através de orações a intervenção dos deuses e deusas na conjuntura sócio-política que aquela nação enfrentava.

Tamanha celebração aconteceu no mês de abril de 1985, alguns meses a frente, um movimento norte americano denominado de “We are world” (Nós somos o mundo) composto por diversos artistas da música internacional cujo propósito culminou em uma campanha mundial com o intuito de chamar atenção para os problemas sociais do continente africano, com destaque para a Etiópia. Nunes Natureza, um dos fundadores do Pomba, sente-se orgulhoso por ter apoiada a decisão da direção da entidade na escolha do tema:

Nós saímos na Micareta e foi com o tema Etiópia. Quando eu falo essa questão da Etiópia, do tema da Micareta, eu acho que foi um dos, se não foi o primeiro. Foi a primeira manifestação assim em termos de fazer uma alusão a Etiópia. Foi bem antes daquele movimento internacional “Nós somos o mundo”. E o Pomba de Malê fez o tema dela da Micareta, e como a Micareta era em abril e o movimento “Nós somos o mundo” com Michael Jackson, com Stiver Wonder, Tina Turner, esse pessoal todo aí, veio depois, acho que já no final do ano. Saímos com a bandeira da Etiópia. Com um menino, foi um dos fundadores também, Vidalécio, ele saiu com, como ele era bem magrinho e bem escurinho, ele saiu como símbolo da Etiópia.

Percebemos que em seu primeiro desfile o Afoxé Pomba de Malê reforça a ideologia proposta pelo Ilê Aiyê, sobretudo por escolher uma territorialidade africana a ser evidenciada, característica típica da agremiação soteropolitana. Apesar da carência de registros visuais, compreendemos que os elementos gráfico-visuais dialogaram com elementos próprios do país homenageado, por exemplo, as cores da bandeira da Etiópia – verde, amarelo, vermelho e azul - foram altamente empregadas no traçado



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

das indumentárias, perfilando uma cartografia territorial pautada no ato político de resistência cultural e reafirmação dos valores oriundos das diásporas africanas.

No desenvolver da cartografia territorial, na Micareta de 2009<sup>8</sup>, foram escolhidos Angola e o Congo como territorialidades ancestrais responsáveis por constituir parte do que hoje entendemos como Brasil. Contudo, encontramos uma ambiguidade projetual esboçada na imagem a seguir (Fig. 1), ou seja, o tema proposto pelo afoxé poderia apresentar um grupo de capoeira com linhas, formas e composições alusivas da capoeira Angola, a qual ritualiza a sacralidade da cosmovisão africana. Porém, o afoxé optou por corpos-territórios responsáveis por grafar composições imagéticas condizentes com as formas de expressões da capoeira regional.



Figura 1 - Ala de Capoeira - 2009. Fonte: Jornal Folha do Norte.

Os desígnios corporais pincelados pelos capoeiristas intenta suscitar a carga cultural referendada nos povos africanos. Nesse bojo, a letra da canção tema de 2009 reforça a fusão de territórios, nações distintas como é o caso da “Gegê, Banto ou Nagô”. A capital angolana, Luanda, recebe destaque e potencializa a afirmativa de que os pombalenses se entendem como sujeitos que se auto intitulam africanos ou fruto do processo de africanização.

---

<sup>8</sup> Nesse ano o Afoxé foi vice-campeão.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

#### 4. CARTOGRAFIA DOS ORIXÁS

Compreender o grupo **Cartografia dos Orixás** nos conduz a perceber a ritualização de um patrimônio mítico, simbólico das populações negras que inicialmente encontraram nos terreiros um lugar de realimentação da cultura africana. São justamente esses saberes que influenciaram as primeiras concepções do que seria o Afoxé Pomba de Malê, posto que alguns pombalenses vivenciavam cotidianamente o patrimônio ancestral africano ritualizado nas egbés situadas na Rua Nova e seu entorno.

Nesse tear, o patrimônio simbólico vivenciado nos espaços sagrados e míticos embasam as ações que o Afoxé Pomba de Malê vem comunicando há quase 30 anos. Mesmo que a origem do afoxé não esteja diretamente ligada aos terreiros da Rua Nova e que a atual direção não estabeleça proximidades com esses lugares sagrados, a sua cartografia congrega forte influência do Legado Africano. Acerca da não associação com o Candomblé, Nunes Natureza nos diz:

*Tinham algumas pessoas que tinham essa resistência de associar ao terreiro, pelo preconceito. Tinha o pessoal de dentro, que eu não sei se tinha um embasamento profundo da religião do Candomblé, da religiosidade africana. Tinha gente até que queria que trocasse o nome porque associava a Pomba Gira. Mas, não tem nada a ver, isso aí foi uma homenagem a uma senhora que disponibilizou as suas terras.<sup>9</sup>*

Por outro lado, o Pomba de Malê pode até não ser considerado, por parte dos seus membros, enquanto uma reterritorialização do terreiro na Micareta de Feira de Santana, mas para outros indivíduos, adeptos do Candomblé, o afoxé é entendido como a “festa de terreiro na rua” fala reproduzida por uma das educadoras durante os contatos iniciais com o Projeto Atiba. Nessa visão, o Afoxé Pomba de Malê constrói um curso representativo de um Ilê Axé, posto que no momento que está sendo organizada a estética do desfile convocam-se, por parte de alguns pombalenses, os fluxos potencializados pelas culturas africanas, por exemplo, no dia do desfile 2014

---

<sup>9</sup> Nunes Natureza



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

presenciamos, ainda na sede da agremiação, a realização de alguns rituais evocadores das energias de Oxalá.

Ainda nesse prisma, espalhou-se por todas as partes da sede punhados com pipoca e milho branco, o mesmo ato se repetiu na avenida, minutos antes da saída do Afoxé. Acompanhamos toda grafia concebida e projetada pelo corpo-território do pombalense José Renato, o qual subiu no trio elétrico e nas mãos carregava uma sacola contendo milho branco. Em poucos segundos arremessou todos os grãos para o alto, rascunhando uma chuva de pontos brancos, e explicou que tal ação respaldava-se nos preceitos da religião africana e na saudação a Oxalá: *“O que fiz na avenida é uma forma de pedir proteção a Oxalá, pedir que ele abra os caminhos e abençoe o desfile”*.

A relação mítica do Afoxé Pomba de Malê com os orixás africanos teve a sua primeira configuração no ano de 1986<sup>10</sup>, ao homenagear o Orixá da riqueza Oxumaré, compreendido como “[...] intermediário entre o céu e a terra, que une por meio de seu longo véu multicolor; portanto, sendo favorável, pode muito mais depressa levar as orações dos fiéis aos deuses lá de cima” (BASTIDE, 1978, p. 100): Arroboboi<sup>11</sup>, Oxumaré! Assumir e levar para vias públicas tal temática requer responsabilidade e compromisso com a identidade negra. Nesse viés, Oxumaré aufere evidência na seguinte letra:

Dessa vez eu vou chegar / Com Oxumaré no horizonte / Trago o Pomba de Malê / Pato, cobra e turbante / Incubido a não enchente / Manifesto o meu cantar / Saúda aô boboi minha gente! / Teu símbolo é Tacará / Na dança, na dança / Liberta-se apartheid: África / Na dança, na dança / Matança sem lei quero mais: é vida / Nanã manda água / Filho seu não quer penar / A correnteza é tão forte / E jamais a cobra desenrolará / Xangó, Oxumaré ia nas nuvens repousar / Devolver águas que rolaram / E vamos pintar: / Amarelo, verde, branco / Vermelho e azul aparecem no arco-íris / Orosa é uma fase dessa flor, ô, ô / Tem riqueza e amor / Qual o seu sabor?<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Nesse ano o Afoxé foi vice-campeão

<sup>11</sup> Saudação a Oxumaré.

<sup>12</sup> “Pomba de Malê escolhe rainha” In: Feira Hoje. Feira de Santana – BA: 10/04/1986, p. 8.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

A composição de Gylsan, Jorge de Angélica e Manoel Rasta, batizada de “Exaltação a Oxumaré” alude elementos simbólicos que remetem a essa entidade africana, por exemplo, o *pato* que compõe uma das oferendas. A *cobra* se constitui em um dos símbolos utilizados para representá-lo, sendo que às vezes “se enrosca e morde a própria cauda” (VERGER, 1981, p. 206). A observação de Verger (1981) pode ser notada nas estampas que foram utilizadas pelo Afoxé Pomba de Malê nas indumentárias da Micareta de 2010 e 2012 (Fig. 2 e 3).

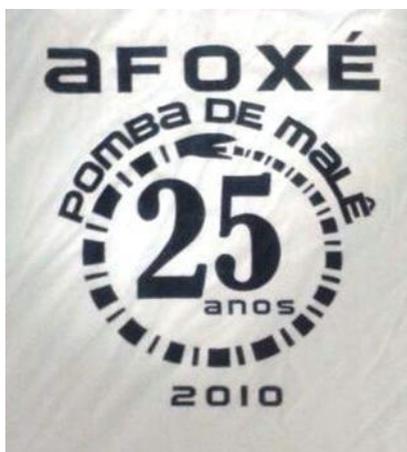


Figura 2 - Logomarca 2010.



Figura 3 - Logomarca 2012.

Em 1988, o Afoxé Pomba de Malê escolheu o pai da justiça, o orixá Xangó, para ser homenageado no ano do centenário da abolição da escravatura. O mesmo Orixá esteve presente no enredo do Afoxé “Flor de Ijexá” com o título “Xangó, o poderoso justiceiro”. A sua origem geográfica remete ao reino de Oyó, onde criou o bairro de Kossô e reinou por um longo período: *Kawó Kabiesilé!*<sup>13</sup> (VERGER, 1992).

Percebemos que essa entidade possui como destaque o paramento em forma de machado denominado “Oxés”<sup>14</sup>, o qual designou o ditado popular angolano que diz

---

<sup>13</sup> Saudação a Xangô

<sup>14</sup> Oxê é o machado de duas lâminas, machado de dois gumes, de dois gomos, ferramenta de propriedade de Xangô (LODY, 1983, p. 16).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

"*Kakuvana kedule ongumana*" (*Ter um machadinho é melhor que ter só as mãos*)<sup>15</sup>. O oxé faz referência direta à associação de poder e justiça designado a Xangô. A fotografia abaixo (Fig. 4), apesar da baixa qualidade, captou o momento em que um membro do Pomba de Malê desfila na Micareta de 1988 e traz em mãos o paramento oxé.



Pomba de Malê: o atoxé da Raiz Nova abriu o desfile

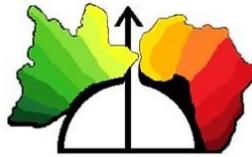
Figura 4 - Presença da indumentária alusiva a Xangô.  
Fonte: Jornal Feira Hoje - 1988.

Sequenciado a Xangô, no ano de 1990<sup>16</sup>, o Afoxé homenageou uma das suas esposas com o enredo "Iansã: a deusa dos raios e tempestades". Entidade que apresentava um temperamento guerreiro. A rainha dos raios e trovões trouxe ventos poderosos para o Pomba com um desfile que consagrou a entidade campeã dentre os afoxés do ano de 1990: *Epahei!*<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Ditado extraído do artigo "Oxé de Xangô: Um estudo de caso da cultura material afro-brasileira" de autoria de Raul Lody.

<sup>16</sup> Tornou-se campeão entre os Afoxés. <sup>18</sup> Saudação a Iansã



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Dando continuidade a cartografia, chegamos ao ano de 1991. Nesse período a rainha das águas doce, Oxum, foi a grande homenageada: *Oraiêieo Oxum*<sup>17</sup>. O dourado tomou conta da estética da entidade, exaltando assim a beleza das mulheres que desfilaram no curso (Fig. 5).



Figura 5 - Referências estéticas a Oxum. Fonte: Jornal Feira Hoje - 15/04/1991.

A homenagem a Oxum é um retorno às ascendências das festas africanas que reverenciavam a entidade ancestral responsável pela fertilidade. Sobre a sua localização geográfica (Verger, 1999). A relação de Oxum com Xangô é muito forte até porque de acordo com a mitologia eles foram casados. Apesar do ano de 1991 ter sido escolhido para homenagear a rainha do ouro, o trio elétrico do Afoxé grafou no emblema da entidade os oxés de Xangô (Fig. 6).

---

<sup>17</sup> Saudação a Oxum.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

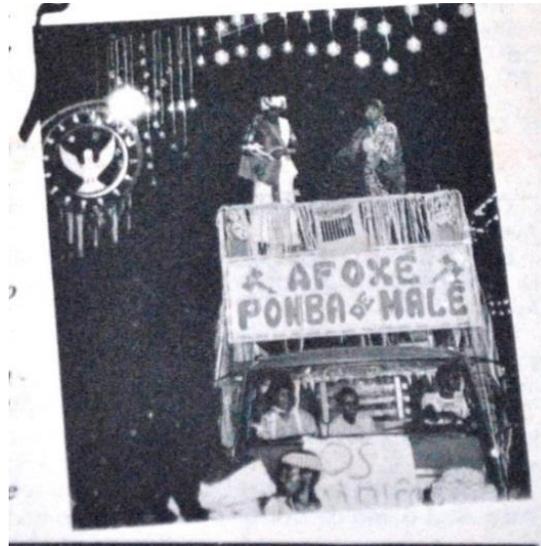


Figura 6 - Associação entre Xangô e Oxum - 1991. Fonte: Jornal Feira Hoje. 11/04/1991.

O pombo diagramado na imagem anunciava o tema escolhido para o curso de 1994, pois a ave é um dos animais ofertados a Oxalá: “*êpababa*”<sup>18</sup>. O Afoxé Pomba de Malê saiu às ruas de Feira de Santana em 1994 trazendo o emblemático enredo “Oxalá, Deus da Criação”. Esse ancestral é considerado no Candomblé como o pai dos demais orixás o que explica a expressão “Deus da Criação”.

Partindo para o ano de 2007<sup>19</sup>, significou o momento de conferir saudações a Obaluaê: “*Atotô*”<sup>20</sup>. Entidade relacionada às doenças, também conhecido como Omulu e Xapanã. Na ficha técnica do desfile encontramos a seguinte descrição sobre esse orixá:

“Em alguns terreiros de Candomblé assim como na África para o povo de Daomé, Xapanã é um jovem guerreiro, forte e valente” e continua “Obaluaê é representado com o rosto e o corpo coberto por véus e vestes de palha, e, quando se incorpora, dança em convulsões e tremendo, alquebrado, com grande sofrimento”.

O Rei de *Iré*<sup>21</sup>, Ogum, foi o homenageado no ano de 2008 com o enredo “Ogum Dilê guerreiro”. Nessa acepção, o Afoxé Pomba de Malê continua a reforçar os elementos

---

<sup>18</sup> Saudação a Oxalá

<sup>19</sup> Nesse ano o Afoxé foi vice-campeão.

<sup>20</sup> Saudação a Obaluaê.

<sup>21</sup> Cidade Africana governada por Ogum.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

do Legado Africano e, para tal, conclamou para a competição um Orixá que apresenta características de guerreiro: "Ogum ieee!"<sup>22</sup>. Essa entidade africana é conhecida pelas guerras violentas das quais participou e pela sua personalidade forte.

## 5. CARTOGRAFIA DAS PERSONALIDADES E/OU MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NEGRAS

O Afoxé Pomba de Malê se configura enquanto espaço de valorização e pertencimento da identidade negra. Muitos dos sujeitos que optam em ser associado a essa coletividade são levados pelo pertencimento com questões nucleares da ancestralidade africana. Fazer com que os negros brasileiros se identifiquem, assumam e elevem a sua autoestima é algo que os movimentos negros buscam desde a década de 1970 e que tem rebatimento na criação do Afoxé estudado e na sua alteridade territorializada na Micareta feirense.

Portanto, desfilar no ano de 1998<sup>23</sup>, representou mais um momento de protesto contra o poder público, tanto que os blocos afro e os afoxés decidiram se unir numa estratégia de fortalecer o movimento e "driblar a falta de apoio"<sup>24</sup>. Sendo assim, o Pomba de Malê se uniu ao *Afoxé Filhos de Nanã*, cada um trouxe para a avenida um enredo diferente, mas que na filosofia africana acaba sendo complementar.

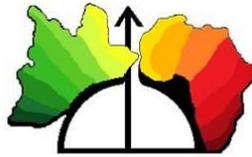
O Pomba decidiu sair as ruas com a perspectiva pautada no desenho projetual no qual Ernestina Carneiro foi a grande homenageada. Tal préstimo justifica-se pelo fato de Dona Pomba ser a responsável pela doação das terras do atual bairro da Rua Nova. Reconhecer a importância dos antepassados, daqueles que fisicamente não estão mais entre nós é um dos ensinamentos do Legado Africano.

---

<sup>22</sup> Saudação a Ogum.

<sup>23</sup> Tornou-se campeão entre os Afoxés.

<sup>24</sup> Trecho extraído do artigo "A luta pela tradição" In: Jornal Feira Hoje. Feira de Santana. Ba: 1998, p. 3



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

A opção em homenagear um antepassado, uma mulher negra, significa um ato de educação, um educar que requer sensibilidade e respeito àqueles que um dia compartilhou conosco das vivências materiais. A imagem de Dona Pomba faz parte das referências culturais do povo da Rua Nova, pelo menos de uma parte desse contingente populacional, o qual reconhece no horizonte da sua ancestralidade a relevância daqueles seres que invisivelmente ainda estão entre nós. Além disso, a homenagem funciona como dispositivo contrário aos constantes entraves que persistem na tentativa de boicotar personagens negros das histórias oficiais. Perspectiva segregacionista com ranços do período pós-escravista.

Após mais um ano enaltecendo e reafirmando territórios africanos, chegou à vez de se auto-homenagear. Assim sendo, o ano de 2010<sup>25</sup> esquematizou na avenida um enredo emblemático com a temática dos 25 anos do afoxé e a sua relevância na reafirmação dos valores étnicos dos grupos africanos e afro-brasileiros, com ênfase na realimentação da identidade negra em Feira de Santana, tanto que afirmam que a Rua Nova é o “berço da cultura feirense”.

Entre os diversos olhares, 2011<sup>26</sup> significou o momento de retomar ao marco inicial do bairro e destacar a relevância histórica de Ernestina Carneiro também conhecida como D. Pomba foi a grande responsável pelo que hoje é a Rua Nova. Em alusão a Dona Pomba o afoxé criou uma ala de baianas para homenageá-la.

A fim de complementar a cartografia do Pomba de Malê, alcançamos o ano de 2012. Consubstancialmente, a Capoeira angariou espaço e se balizou como temática central do enredo com o título da música “Tributo a capoeira”. A escolha pela temática da capoeira aporta emblemas políticos e culturais, são cunhos afirmativos da identidade, dos espaços, dos valores e saberes constituintes da etnicidade negra, bem como dos seus descendentes.

---

<sup>25</sup> Tornou-se campeão entre os Afoxés.

<sup>26</sup> Tornou-se campeão entre os Afoxés.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

## 6. CONSIDERAÇÕES

Em síntese, o Afoxé Pomba de Malê contribui para construção de contornos gráfico-visuais de homens e mulheres negros com a autoestima renovada, com uma identidade étnica enaltecida. Baseando-se nessas assertivas, ter um afoxé que homenageia os países africanos, os mitos africanos, que difunde uma revolta popular protagonizada por negros, objetiva-se compor um cenário com linhas, luzes, formas, cores, odores, sons, elementos visuais e intangíveis da história da negritude brasileira.

## 7. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional**. Danças, recreação, música. V. II. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

BASTIDE, R. **O Candomblé da Bahia: Rito Nagô**. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

CARNEIRO, Edison. **Folguedos tradicionais**. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.

GUERREIRO, Goli. **A trama dos tambores – a música afro-pop de Salvador**. São Paulo, editora 34, 2000.

HSUAN-NA, Tai. **Desenho e Organização Bi e Tridimensional da Forma**. 2 ed. - Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2010.

Merleau-Ponty, M. (1994). **Fenomenologia da percepção** (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945)

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Cartografias do Corpo-Território: visualidades e oralidades do Afoxé Pomba de Malê**. 1º. ed., 2016.

SANTANA, Marise de. **O Legado Ancestral Africano na Diáspora e o Trabalho Docente: desfrancizando para cristianizar**. 150 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). PUC, São Paulo, 2004.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VERGER, Pierre. **Lendas africanas dos orixás**. 3. ed São Paulo: Corrupio, 1992.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO